

UMA NAÇÃO QUE JÁ EXISTE

Concluimos neste número a comunicação apresentada por Fátima Mendonça, professora de Literatura na Universidade Eduardo Mondlane, durante o encontro dos cinco países de Língua Oficial Portuguesa realizado nos finais de 1984 em Paris.

Esta comunicação tem como título «O Conceito de Nação em José Craveirinha, Rui Knöpfli e Sérgio Vieira». A primeira e segunda partes foram dedicadas aos dois primeiros poetas, cabendo agora a vez a Sérgio Vieira e a respectiva conclusão.

(Conclusão)

O mesmo se não passa com a escrita produzida por aqueles que de automáticas nas mãos, nas montanhas e florestas de Cabo Delgado e Niassa prolongavam a via iniciada por Craveirinha e, é de grande justiça dizê-lo já anunciada em 49 por Noémia de Sousa.

Com a fundação da Frente de Libertação de Moçambique em 1962 e o início da luta armada em 1964, nomes que não figuravam em qualquer antologia ou publicação dependente do aparelho colonial português começaram a mostrar-se ao mundo. Mas, na «cidade sitiada» eles não entravam a não ser pelas portas silenciosas de uma clandestinidade vigiada. É só depois de 1974 que, abertamente se ouvem Kalungano, Jorge Rebelo, Sérgio Vieira.

Dizemos ouvem e não lêem-se porque é na reunião de fábrica, de escola, de bairro nos grandes auditórios públicos que finalmente elas se fazem ouvir. Fenómeno significativo e merecedor de algum estudo que não cabe neste lugar mas que tem a ver com a capacidade que estes poetas tiveram de se identificar com aqueles que os reconheceram como seus.

É só então e principalmente depois da Independência que as vozes anónimas de guerrilheiros que, «não sabendo perfeitamente quando se põe um «s» ou um «c» cedilhado tomam eles o poder poético lá onde estava reservado apenas a alguns.

É esta a parte menos estudada da nossa literatura e que menos interesse tem merecido por parte dos estudiosos. Tal facto deve-se pensarmos, a uma certa atitude de defesa perante o discurso mais político e menos poético» combinada com a falta de publicação em livro da obra poética de homens como Marcelino dos Santos/Kalungano, Jorge Rebelo, Fernando Ganhão e outros.

É Sérgio Vieira quem terá o primeiro livro publicado em Dezembro de 1983 e é essa uma das razões porque será ele a base de análise nesta última parte da nossa intervenção.

Os textos que compõem o livro «Memória do Povo» de Sérgio Vieira, todos datados, per-

mitem-nos reconstruir o percurso da sua evolução.

Manifestando de início, tal como Noémia de Sousa, Craveirinha e Kalungano, uma marcada Africanidade, Sérgio Vieira percorre um caminho que se encontra com o de Craveirinha na afirmação de comunidade de território «Foi na Manga/e na Sugela/e no Xipamanine/e no Zambeze/que o vento e punhais e polícia torturaram e desfolharam as árvores e os homens/de verde e dourado e vermelho e pele/Frelimo e Moçambique/para que um povo viva/e estado de guerra morra. «Contudo, a afirmação nacionalista em Sérgio Vieira vai integrar um outro elemento — apenas disperso em Craveirinha — surgido do salto ideológico que o II Congresso provoca. Referimo-nos à comunidade de cultura que, um Craveirinha se apresenta ainda sob a forma de elementos dispersos de Africanidade opostos à cultura europeia imposta pela assimilação. Com Sérgio Vieira a comunidade de cultura apresenta-se como resultado da nova vida que a prática da luta revolucionária produzirá. Citando Fernando Ganhão na sua intervenção ao IV Congresso do Partido Frelimo em Abril de 1983 «nas zonas libertadas, moçambicanos de várias regiões construíram em conjunto um novo tipo de vida, criaram novos padrões de valores morais, normas de conduta e relacionamento, atitudes que os definiam pouco a pouco como seres característicos, identificáveis numa nova qualidade nascida com a guerra a moçambicanidade. E eram homens que falavam línguas diferentes, que tinham hábitos alimentares díspares, que tinham variadas manifestações culturais, mas que se irmanavam e sentiam realizados como cidadãos duma mesma Pátria (...). Da nova vida surgiu uma cultura nacional sentida e aceite como sua por todos os militantes. Nas centenas de canções, danças, esculturas, repassava o mesmo fervor patriótico exaltavam-se as mesmas qualidades, as mesmas virtudes, erigiam-se como heróis os feitos de luta comum».

De facto Sérgio Vieira dá corpo político a essa unidade através da exaltação de valores

culturais diversificados agora unificados por uma moçambicanidade nascida da guerra popular. «E Marere/Furancungo/Metangula/foram nomes escritos pelo sacrifício/no mapa livre de Moçambique/os tambores fortes do xigubo/acordaram as estrelas de Cabo Delgado/e não foi dança de rongas/mas cultura de Moçambique/e nas montanhas de Tete/descobrimos a magia do mapico».

MaS Sérgio Vieira avança ainda na forma como projecta a relação realidade/transformação poética da realidade. Da prática da luta de classes que prepara o II Congresso em 1968 e os acontecimentos que se lhe seguiram, surgiu uma consciência política superior que ultrapassava a plataforma inicial da unidade em torno da independência e alcançava a dimensão de luta revolucionária, em que o projecto de construção de um Estado Socialista se começava a afirmar.

Das resoluções do II Congresso da FRELIMO podem-se destacar: — decisão de desenvolver a organização de cooperativas agrícolas, comerciais e industriais. (Resolução sobre Reconstrução Nacional).

— instauração de uma ordem social e popular em Moçambique.

— integração da luta no movimento mundial de emancipação dos povos para liquidação total do colonialismo e do imperialismo e construção de uma sociedade livre da exploração do homem pelo homem. (Resolução sobre política externa).

A poesia de Sérgio Vieira vai corporizar esta nova dimensão da realidade que a luta armada produzirá; e o Estado Socialista é, de novo profeticamente anunciado: «amanhã/escreverá livros/e falaremos do movimento camponês em Moçambique/da força transformadora do operário/amanhã/quando o enorme e forte poder popular/nascido do sangue e combates de hoje/se afirmar no estado e o estado morrer amanhã/tempo/em que o que foi sonho/se constroi em cada esquina/e o sonho será a viagem para Andrómeda.

E, lado a lado com a previsão poética do Estado Socialista cresce e avoluma-se a ideia

do Partido, primeiro apenas insinuada «lenta e misteriosa à volta da célula clandestina/cresce a força/do partido da esperança», depois claramente afirmada: «Somos o povo eterno/o Partido nascido em 3 de Fevereiro de 1977.

E de novo, simbolicamente unidos, o poeta que no Sul fazia da poesia a sua arma e o poeta de guerrilha que noutros lugares transformava as balas em palavra de ordem poética, anunciam a mesma realidade: «E construiremos escolas/hospitais e maternidades ao preço de serem de graça para todos/estaleiros, fábricas, universidades, pontes, jardins, teatros e bibliotecas/Sia Vuma», diz Craveirinha. E Sérgio Vieira como que num eco responderá mais tarde, independência conquistada: «Amanhã/cavalgando os monstros mecânicos das escavadoras/que fazem do carvão energia/a força que faz crescer o milho/domesticando os dentes vorazes das combinadoras/que recolhem a alegria do arroz/guardando na blindagem da BTR/as fronteiras da Paz e do Socialismo/da Pátria Moçambicana.

Sabemos que esta realidade criada é ainda frágil. O exemplo da nova vida nacional nas zonas libertadas não pôde ser imediatamente transmitido a todo o país, especialmente às zonas urbanas onde a guerra de libertação menos se fez sentir e onde com mais pressão se insinuou o processo de assimilação colonial.

Desse facto se ressentiu a produção literária actual, sem esquecermos a elevada taxa de analfabetismo que o colonialismo nos deixou.

O Futuro da literatura moçambicana, os caminhos que confirmarão a sua afirmação como literatura nacional dependerão em grande parte do futuro do próprio país.

Porque a história da literatura moçambicana é também a história da sua revolução.

Fátima Mendonça

No n.º anterior, 2.ª parte, por lapso não saiu «passando pelo sarcasmo irreverente e saudável de Grabato Dias. Esta tendência culmina com a opção final que a escrita de Rui Knopfli revela confirmada pela primeira obra publicada fora do país em 1978 «O Escriba acorçado», que é como deveria ter terminado a parte dedicada a Rui Knopfli.